

Maria Teresa de Jesus Almeida Vaz Rodrigues

Título:

Ternura tresmalhada

Texto:

Um curso galgou a colina, em três ou quatro saltos, com elegância e velocidade. Nem deu tempo para o desejado registo fotográfico, mas o instante ficou gravado na memória, como uma prenda aos amantes da natureza. São terras da lombada, pródigas em perfumes de arçã e tomilho e aves pousando ao de leve. As rosas-de-lobo, com pétalas de puríssima seda, estavam no auge.

Depois da curva, havia pegadas de cabra selvagem, bem marcadas pelo peso e pela pressa. Enquanto os caminheiros prosseguiam entre conversas e gargalhadas, um som de desassossego captou os olhares. E na clareira, a breves passos, assistiram ao sagrado momento do nascimento, entre estevas e rosmaninhos.

No meio do espanto, a cadela Violeta precipitou-se e o Pedro foi-lhe no encalço; pegou a chiba (assim lhe chamaram) ao colo – com infinito carinho - e voltou a colocá-la na cama que o destino traçara. E a chiba fez a sua primeira corrida, mal se segurando nas pernas. Julguei ver (sem olhar) lágrimas de tresmalhada ternura. A mãe devia estar embrenhada na floresta, bem perto do receio e do apego.

E o grupo prosseguiu a caminhada em comovido silêncio.

E do silêncio rompeu o poema:

Raiç d'arçana (Lhéngua mirandesa)

(Excerto)